

**Arte-educação e libertação humana**  
**Art education and human emancipation**  
**Arte-educación y emancipación humana**

Recebido: 11/11/2020 | Revisado: 13/11/2020 | Aceito: 17/11/2020 | Publicado: 21/11/2020

**Carla Galvão Farias**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0008-2777>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: [carlagalvao18@hotmail.com](mailto:carlagalvao18@hotmail.com)

**Milene Kinlliane Silva de Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6354-0747>

Prefeitura Municipal de Fortaleza, Brasil

E-mail: [kinlliane@yahoo.com.br](mailto:kinlliane@yahoo.com.br)

**Polyana Nogueira Dias**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2807-9614>

Prefeitura Municipal de Fortaleza, Brasil

E-mail: [polyanaploc@hotmail.com](mailto:polyanaploc@hotmail.com)

**Resumo**

Este artigo traz algumas reflexões sobre os conceitos de arte-educação e libertação humana, considerando, para tal, o ensino de Artes na Educação Básica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, da lei 13.278/16 e os desafios que permeiam esse ensino-aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de cunho Bibliográfica, que consiste em relacionar os pensamentos de dois autores: as concepções de arte-educação em Duarte Jr. (2010, 2012) e os conceitos de práticas “bancárias” na educação, de “ser mais”, de libertação humana e de autonomia em Paulo Freire (1996, 2011). Visando encontrar aproximações nos estudos dos referidos autores sobre as práticas de ensino e os modos de se estimular a autonomia dos educandos. Conclui-se que a arte-educação vai ao encontro da autonomia, por respeitar a subjetividade e promover práticas de ensino-aprendizagem que compreendem o ser humano de forma integral, ou seja, o corpo também é considerado importante no processo de aprendizado, não apenas a mente. Por isso, as emoções e experiências de vida são acolhidas.

**Palavras-chave:** Arte-educação; Educação “bancária”; Libertação humana.

## **Abstract**

This article is concerned to some reflections on the concepts of art education and human emancipation. To this aim, we consider the teaching of Arts in Basic Education according to the Law of Guidelines and Bases 9.394/96, the Law 13.278/16 and the challenges presented in this teaching-learning. It is a Bibliographic research, which consists of relating the thoughts of two authors: the conceptions of art education in Duarte Jr. (2010, 2012) and the concepts of “bancárias” practices in education, “Ser Mais”, human emancipation and autonomy in Paulo Freire (1996, 2011). Aiming to find similarities in the studies of the aforementioned authors on teaching practices and ways to encourage students' autonomy. It is concluded that art education promotes autonomy, by respecting subjectivity and creating teaching-learning practices that comprehend the human being in an integral way. The body is also considered important in the learning process, not only the mind. Therefore, emotions and life experiences are welcomed.

**Keywords:** Art education; “Bancária” education; Human emancipation.

## **Resumen**

Este artículo trae algunas reflexiones sobre los conceptos de arte-educación y emancipación humana, considerando la enseñanza de las artes en la Educación Básica, de acuerdo con la Ley de Lineamientos y Bases 9.394/96, la Ley 13.278/16 y los desafíos que permean esta enseñanza-aprendizaje. Se trata de una investigación Bibliográfica, que consiste en relacionar los pensamientos de dos autores: las concepciones de arte-educación en Duarte Jr. (2010, 2012) y los conceptos de prácticas “bancarias” en educación, “ser mais”, emancipación humana y la autonomía en Paulo Freire (1996, 2011). Con el objetivo de encontrar similitudes en los estudios de los autores mencionados sobre prácticas docentes y formas de incentivar la autonomía de los estudiantes. Se concluye que arte-educación promueve la autonomía, respetando la subjetividad y creando prácticas de enseñanza-aprendizaje que comprendan al ser humano de manera integral, es decir, el cuerpo también se considera importante en el proceso de aprendizaje, no solo la mente. Por tanto, las emociones y las experiencias de la vida son bienvenidas.

**Palabras clave:** Arte-educación; Educación “bancaria”; Emancipación humana.

## **1. Introdução**

Use o parágrafo como modelo A arte-educação possibilita a criação de múltiplos

modos de olhar e sentir. Não se trata, pois, do simples ensino de técnicas artísticas visando a reprodução de imagens ou a execução perfeita de coreografias de dança. Mais do que isso, a arte-educação visa o aperfeiçoamento da sensibilidade humana.

Apesar disso, as disciplinas de Artes nas escolas brasileiras ainda ocupam um espaço bastante limitado no currículo escolar e o modo como são conduzidas, em meio a diversas dificuldades, tende a prejudicar a qualidade desse ensino.

Talvez em uma tentativa de modificar essa realidade, as Artes foram incluídas como área de conhecimento obrigatório no currículo da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) através da Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/96 e da lei 13.278/16, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica e que prevê ainda, em seu artigo segundo, o prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino incluam “a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica.”

A Lei 5.692/71 foi uma das primeiras dessas tentativas, ao propor diversas mudanças no ensino. A respeito dela, Duarte Jr. (2012, p.12) comenta que:

Ali no texto da Lei se reservava (timidamente) algumas poucas horas do currículo (em geral duas, por semana) para a arte. E a partir de então multiplicaram-se os cursos superiores para a formação do arte-educador. Pretendeu-se, assim, que aquilo que já existia nos currículos, de forma quase empírica – “as aulas de arte” –, se sistematizasse e tivesse uma fundamentação teórica e filosófica.

O ensino de Artes também enfrenta desafios como a falta de qualificação dos professores, que muitas vezes são formados em outras áreas, inadequação do espaço e falta de materiais.

Mas o aspecto desafiante, sobre o qual se debruçará este artigo, se refere a uma prática de ensino que condiciona os alunos a uma forma de aprendizagem onde o professor passa os conteúdos através da exposição oral ou da escrita e o aluno é um mero espectador, que retém as informações na sua mente para, na ocasião da avaliação, obter uma nota que o aprove na disciplina.

Trata-se da chamada prática “bancária”, termo que foi criado por Paulo Freire (1996, 2011) para definir um modo de ensino o qual ele considerava contrário ao processo de libertação humana, mas que continua sendo atualizado no cotidiano de muitas escolas. Esse tipo de ensino é incompatível com a ideia de arte-educação defendida por Duarte Jr. (2010, 2012).

O presente artigo discorrerá sobre essas concepções que são conflitantes entre si e

sobre outras ideias que se complementam, como a ideia do “Ser Mais” freireano e a visão de uma educação que transcenda as barreiras levantadas pelo dualismo mente/corpo, tão presentes no ensino tradicional e criticada pelo autor contemporâneo Duarte Jr. (2010, 2012).

## 2. Metodologia

As ideias disseminadas pelo educador brasileiro Paulo Freire ganharam um alcance muito grande, de modo que qualquer pesquisador da área de Educação, seja brasileiro, ou até mesmo estrangeiro, provavelmente já ouviu falar em alguma delas.

A arte-educação, por sua vez, pode ser confundida com o ensino de Belas Artes ou com certas práticas de educação artística presentes em muitas escolas.

Este artigo tem como objetivo o aprofundamento sobre algumas ideias de Paulo Freire e sobre a arte-educação, partindo dos estudos de Duarte Jr., de modo a delimitar o que é arte-educação e como esta se relaciona com as ideias de libertação humana freireanas.

Considerando o caráter essencialmente conceitual e exploratório deste artigo, constatamos que a pesquisa bibliográfica forneceria o aporte necessário para a sua realização. Para tal, apoiamos-nos em alguns autores como Gil (2009); Köche (2011); Pereira *et al* (2018) e Ludke & Andre (2013).

Gil (2009) afirma que a pesquisa bibliográfica é baseada em produções já existentes como livros e artigos científicos. Köche (2011) compreende de forma parecida a pesquisa bibliográfica. Ele considera que ela consiste na busca de explicar um problema a partir do conhecimento existente, que está disponível em livros ou obras similares. Köche (2011, p.123) afirma ainda que:

Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existente sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.

Pereira *et al* (2018) afirmam que na pesquisa bibliográfica se pode discutir os resultados dos autores investigados e obter conclusões acerca da problemática estudada. Seguindo essa linha, o presente artigo é uma pesquisa teórica, qualitativa, que discorre sobre alguns conceitos clássicos na obra de Paulo Freire, tais como educação “bancária”, “Ser Mais” e libertação humana, a fim de gerar reflexões sobre os possíveis desdobramentos do

ensino-aprendizagem em arte-educação no ensino Básico.

### **3. Arte-educação no Ensino Básico e a Autonomia dos Educandos**

O ensino de artes envolve práticas e materiais diversos, que não são comuns em outras disciplinas. Materiais como tintas, papéis para desenho, tesoura, cola, instrumentos musicais, roupas confortáveis, por exemplo, podem ser indispensáveis em certas aulas de educação artística. Além disso, tais aulas podem demandar espaço livre para a prática de atividades como dança, representação teatral, entre outras.

A escola muitas vezes não oferece a estrutura adequada para essas práticas e tenta fazer com que a disciplina seja ministrada da mesma forma que as outras, que não necessitam de materiais como os mencionados.

Além dos diferentes recursos materiais, as formas de avaliação das disciplinas de artes também são diferentes, pois devem levar em conta aspectos subjetivos que envolvem a criação artística. Por isso, existe certa incompreensão a respeito dessas singularidades do ensino-aprendizagem em artes, que leva muitas vezes, os próprios estudantes a desvalorizarem a disciplina, gerando um senso comum de que não se trata de algo para ser levado a sério, como apontam Nascimento & Ribeiro (2014, p. 51):

É triste ouvir dos alunos ao saírem de uma aula em que foi debatido um vídeo, frases do tipo: “não teve aula hoje”, “o professor passou só um vídeo”; ou ainda, da própria direção ou coordenação pedagógica quando entende o trabalho do professor de arte como mero decorador, ou, simplesmente, um organizador de “festinhas na escola”.

Mas o que se pretende mostrar neste artigo é que a educação artística, na concepção da arte-educação, vai além de uma simples disciplina, ao problematizar certas noções que se cristalizaram como sendo efetivas no ensino-aprendizagem em geral. Trata-se de práticas educativas que desconsideram o corpo, a sensibilidade e as emoções dos educandos, que partem de noções como a dualidade entre corpo/mente, onde se privilegia os aspectos mentais dos sujeitos, relegando o corpo a algo que deve ser disciplinado, pois ele é considerado como algo que apenas atrapalha o processo de aprendizagem.

Outro senso comum é o de que o aluno deve ser um espectador passivo, que se limita a ouvir e anotar os comunicados do professor, ainda que sejam completamente alheios à sua realidade e história de vida e os memoriza para ser aprovado na disciplina.

Duarte Jr. (2012, p. 23) refuta esse modelo de aprendizagem, baseado na memorização

e na repetição daquilo que é transmitido pelo professor, ao afirmar que:

Apenas aprendemos aquilo que percebemos como importante para a nossa existência. Tudo que foge aos nossos valores, tudo que não percebemos como necessário ao nosso dia a dia, é esquecido. Não é retido. Um exemplo claro dessa situação são as infundáveis “matérias” que decoramos apenas para fazer uma prova, na escola. Após a prova, o que foi decorado vai gradualmente desaparecendo de nossa memória, por não ter um uso no cotidiano.

Tais métodos de ensino baseados em decorar o conteúdo passado pelo professor, referem-se a algo que Paulo Freire (2011) denominou como educação “bancária”. Para ele a educação é usada como um instrumento de dominação pelos opressores, através da prática “bancária”, que se concentra na dissertação, sem, porém, considerar o real significado das palavras. O professor faz “depósitos” de conteúdos e o aluno trata de receber e armazenar as informações.

Duarte Jr. (2012) se aproxima de Paulo Freire ao afirmar que quando a educação se propõe apenas a transmitir significados que são distantes do cotidiano dos educandos, ela não produz aprendizagem alguma. O autor ressalta que é necessário que os conceitos estejam em conexão com as experiências dos indivíduos. Duarte Jr. (2012, p. 24) diz ainda que:

Aprender não é decorar. Aprender é um processo que mobiliza tanto os significados, os símbolos quanto os sentimentos, as experiências a que eles se referem. Já decorar é algo assim como o que ocorre com o animal: uma resposta fixa, sem criatividade, a um estímulo fixo.

Decorar é a base da educação na visão “bancária”, onde não existe espaço para a criatividade e transformação da realidade. Através dela o homem não se move em direção ao “ser mais”, mas o contrário, se aproxima da automação. Paulo Freire (2011, p. 33) afirma que na educação “bancária”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou *fichadores* das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção ‘bancária’ da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser.

A arte-educação vai na contramão da lógica “bancária” ao promover o sentir, a consciência corporal, o autoconhecimento e a imaginação. Essa abertura para a dimensão

subjetiva possibilita o desenvolvimento integral dos educandos, além de promover a expressão criativa ao acionar modos mais intuitivos de pensamento e estimular a busca por diferentes soluções e resultados originais.

A arte-educação promove a libertação humana e a autonomia dos educandos a medida em que ela os convida a aceitar suas emoções e as integra ao processo de aprendizagem, validando as experiências dos educandos.

O processo de libertação humana, na visão freireana, possui caráter eminentemente pedagógico e só é possível, através da comunhão, pois tal processo não pode ser realizado para ninguém, e nem pode ser alcançado sozinho, mas apenas juntos. Para isso, os educandos mais do que participar das aulas, devem engajar-se. A sua relação com o arte-educador deve ser dialógica.

Além disso, o arte-educador deve estar aberto para escutar os educandos, no intuito de promover um ensino-aprendizagem que acolha as diferenças e as limitações dos sujeitos, compreendendo que todos estão em constante processo de transformação.

Duarte Jr. (2012), explica que a expressão “educação através da arte” foi criada por Herbert Read em 1943, sendo, em seguida popularizada e posteriormente simplificada para arte-educação.

Para o autor, a arte-educação está voltada para o aprimoramento da dimensão da sensibilidade do educando em relação ao mundo. Ela não tem por objetivo treinar alguém para tornar-se um artista, ela tampouco se concentra na aprendizagem de uma técnica, de determinada modalidade artística. Mas antes, “quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas.” (Duarte Jr. 2012, p. 12)

Essa ampliação da sensibilidade que a arte-educação visa promover, dialoga com a ideia da libertação humana de Paulo Freire (2011), que se sustenta no pressuposto de que a nossa vocação é a de “ser mais”, apesar de existir um processo histórico de desumanização, que produz alienação e que se baseia em relações de opressão, gerando o “ser menos”, que se aproxima de um autômato, incapaz de sentir, de refletir, de ser, autenticamente.

O “ser mais” é a real natureza humana, consciente da sua incompletude, e que por isso, busca o seu aperfeiçoamento contínuo. O “ser mais” é livre da opressão, pois ele não é possível no individualismo ou isolamento. Ainda, o “ser mais” pode se expressar plenamente, com criatividade, refletir, cooperar, pois ele se realiza com a comunhão humana.

Através da arte-educação é possível criar experiências que estimulem essa vocação humana de “ser mais”. Experiências estéticas, coletivas, que possam modificar a relação dos educandos com o espaço e uns com os outros, propiciando ao olhar que estava condicionado,



descobertas inesperadas, despertando os sentidos.

A palavra experiência, no sentido aqui empregado, traz como referência a acepção do termo nos estudos de Larrosa Bondía (2002), que explica que a palavra experiência vem do latim *experiri*, (experimentar). O radical *periri* se encontra também na palavra *periculum* (perigo), que evocaria ao risco que envolve a experiência.

Benjamin (1933) *apud* Bondía (2002) observa que a pobreza de experiências é característica dos tempos atuais, onde o excesso de informações provoca uma aparência de que muitas coisas sucedem, mas a experiência trata-se de algo raro.

Quando estamos em uma experiência, entramos em um território a ser explorado, atravessado pelo desconhecido e estamos abertos ao que emerge durante o processo. Criamos experiência e somos criados por ela, no sentido em que nos transformamos em outro, ao aprender algo que nos modifica.

Duarte Jr. (2012) considera que as experiências são transformadas em símbolos, ao extrairmos delas um significado, e a partir delas acontece o processo de aprendizagem humana. Além disso, ele afirma que “a razão é uma operação posterior à vivência (aos sentimentos). Vivenciar (sentir) e pensar estão indissoluvelmente ligados.” (Duarte Jr. 2012, p. 31).

O aprendizado em artes envolve o corpo e a mente de forma integral, diferente de outras áreas do conhecimento, as artes estão muito relacionadas com as emoções, sentimentos e experiências. A esse respeito, Duarte Jr. (2010, p. 41) considera que:

A arte consiste num signo cuja apreensão não é meramente intelectual, feito um conceito ou outras abstrações (como a matemática), uma apreensão que requeira tão só capacidades cognitivas, da ordem do conhecimento inteligível. Ao contrário, o signo estético produz no espectador ressonâncias corporais e estados afetivos, mobilizando nele a dimensão do saber sensível, esse saber próprio de nossa corporeidade. A arte revive em nós, ainda que de modo simbólico, sentimentos e vivências que se baseiam em nossa história pregressa, em nossas experiências de vida. Um signo poético (artístico), ao ser percebido, é decodificado por um equilíbrio entre o inteligível e o sensível que nos habita, possibilitando que o captemos, de maneira integrada, com nossa existência plena.

Desse modo, a experiência estética promove sensações que exigem do sujeito, que ele vá além do racional ou da interpretação racional do objeto de arte. Pois a arte toca nas emoções e memórias, de modo que possui diferentes significados para diferentes sujeitos.

Assim, a arte-educação também favorece a autonomia dos educandos, através do respeito às experiências de vida deles, por considerar que elas são parte do processo de



aprendizado e que as emoções e sentimentos não devem ser suprimidos, mas expressados.

A autonomia, para Paulo Freire (1996) se constrói aos poucos, a partir de experiências nas quais os sujeitos podem participar de processos decisórios em que eles estão envolvidos. O autor cita como exemplo a escolha do melhor horário para a realização das atividades escolares de uma criança, que poderia ser uma decisão que incluísse a participação dela, não apenas a conveniência dos pais, pois, dessa forma, vai se fortalecendo o senso de responsabilidade do educando no processo de aprendizagem.

Logo o desenvolvimento da autonomia ocorre gradativamente e é estimulado por experiências de respeito ao sujeito, em seu poder de tomada de decisão e de responsabilidades. A autonomia na aprendizagem faz surgir sujeitos capazes de usar as palavras para transformar a realidade ao invés de simplesmente descrevê-la, pois, como afirma Duarte Jr. (2012, p. 17-18):

O homem constrói o mundo. Imprime um sentido às suas ações. Visa o futuro: planeja, pensa, e então age, construindo o que imaginou. Este é o mundo humano: um mundo que suplanta a simples dimensão física, que existe também como possibilidade; que existe como um vir-a-ser. Em suma: um mundo também simbólico. Esta é então a radical diferença entre homem e animal: a consciência reflexiva, simbólica. A palavra é o primeiro elemento transformador do mundo de que se vale o humano. Por ela o mundo é ordenado num todo significativo. Com a palavra o homem organiza o real, atribuindo-lhe significados.

As palavras são, portanto, mais do que definições daquilo que nos cerca, dos nossos sentimentos e pensamentos, são resultado de reflexões e trazem as marcas das nossas experiências passadas. Com elas, podemos transformar a realidade e mudar o futuro. Pois, como diz Paulo Freire (2011, p. 44) “Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.

#### **4. Considerações Finais**

A arte-educação, mais do que uma proposta educativa, é uma mudança de paradigma no ensino-aprendizagem, indo ao encontro dos princípios da educação popular, na medida em que busca articular significados e pensar a educação a partir de experiências.

Por isso, ela não se foca em técnicas artísticas específicas, ou na memorização de conteúdo, mas conduz a criações nas quais o educando tem consciência das suas emoções e percebe seu desenvolvimento, através da observação de sua trajetória.

A autonomia não pode ser alcançada através de palavras depositadas nas mentes dos educandos, como ocorre na educação “bancária”, que é também *antidialógica*.

Na arte-educação aprende-se a partir das experiências, considerando-se a história de vida dos educandos e as suas subjetividades e emoções.

Os educandos não são vistos como recipientes para os depósitos do professor, mas como sujeitos que se comunicam e interagem. Dessa forma, a comunicação transita em várias direções, de modo descentralizado e dialógico, assim o educador também pode aprender com os educandos. Pois, como afirma Paulo Freire (2011, p.38), a libertação “não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra, a mais oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Outros estudos e pesquisas no âmbito da arte-educação e dos conceitos de libertação humana e autonomia freireanos poderão ser realizadas no futuro, trazendo aspectos relacionados ao uso das tecnologias na área da educação, que se tornam cada vez mais presentes, modificando as concepções de autonomia no ensino-aprendizagem.

## Referências

Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, (19), 20-28. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

Brasil. (1996). *Lei nº 3.394/96* – Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)

Brasil. (2016). *Lei 13.278/16* – Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm)

Duarte, J. F. (2020). *A montanha e o videogame: escritos sobre educação*. Papirus Editora.

Duarte Jr, J. F. (1988). *Por que arte-educação?* Papirus Editora.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. Coleção leitura.

Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido*. (50a ed.) São Paulo: Paz e Terra.

Gil, A. C. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4a ed.) São Paulo: Atlas.

Köche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes.

Ludke, M., & Andre, M.E.D.A. (2013). *Pesquisas em educação: uma abordagem qualitativa*. São Paulo: E.P.U. E.

Nascimento, G., & Ribeiro, T. M. (2014) Arte na Escola – Desafios e Impasses, um estudo de caso. Curitiba. *Incantare – Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares*. 6, 49 – 64. Recuperado de <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/355>

Pereira, A. S., et al (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [Free e-book]. Santa Maria: UAB/NTE/UFSM. Recuperado de [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica\\_final.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf).

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Carla Galvão Farias – 60%

Milene kinlliane Silva de Oliveira – 20%

Polyana Nogueira Dias – 20%